

# Uma obstinada esperança. Os corpos, o desejo, a política. Instrumentos poéticos vistos a partir da velha Europa<sup>1</sup>

A stubborn hope. Bodies, desire, politics. Poetic instruments seen from old Europe

Letizia Tomassone<sup>2</sup>

## RESUMO

Pondo no centro de sua reflexão os corpos, o desejo, a imaginação, Alves aponta novos caminhos até mesmo para o pensamento teológico que ainda são muito atuais e frutíferos. Também para as teólogas e as propostas delas de um mundo diferente, no qual a beleza e a justiça estão intimamente entrelaçadas. Com Alves estes concordam que a justiça vem da beleza.

**Palavras-chave:** corpo; desejo; imaginação; teologia feminista; beleza; justiça.

## RIASSUNTO

Mettendo al centro della sua riflessione i corpi, il desiderio, l'immaginazione, Alves indica nuovi percorsi al pensiero anche teologico ancora molto attuali e fecondi. Anche per le teologhe e le loro proposte di un mondo diverso, in cui bellezza e giustizia sono intimamente intrecciate. Con Alves esse concordano che la giustizia scaturisce dalla bellezza.

**Parole chiave:** corpo; desiderio; immaginazione; teologia femminista; bellezza; giustizia.

Tenho em mente duas imagens que Rubem Alves soube nos transmitir com a sua sensibilidade poética: uma fecha e a outra abre.

A imagem que fecha é aquela de uma viagem aérea que o leva para fora do país, por um tempo, por um período de estudo. Depois, porém, a fronteira se fecha às suas costas e, em vez de ser um doutorando no exterior, Alves se torna um exilado. Experiência compartilhada com tantos e tantas outras. Para falar sobre isso tomarei emprestadas as palavras da teologia mujerista de Ada-Maria Isasi Diaz, exilada cubana que descobre não ter mais pertença nem no país de origem nem no país hospedeiro:

<sup>1</sup> Tradução de Humberto Quaglio, professor no PPCIR da UFJF.

<sup>2</sup> Laurea em teologia protestante - Facoltà Valdese di Teologia di Roma. Mestrado em Teologia Sistemática – l'Institut Protestant de Théologie de Montpellier. E-mail: letizia.tomassone@gmail.com

constantemente estrangeira e estranha, pressionada a re-construir o seu mundo no estar entre duas culturas e duas ausências.

A imagem que abre aquela da árvore de lilás plantada pelo pai de Alves, sobre a qual ele fala várias vezes como um “sacramento” da presença do pai. Alves ousa tomar um termo da teologia mais clássica para falar de uma memória íntima e pessoal, para mostrar como o nosso vínculo com o mundo passa por lugares e elementos da natureza que são para nós uma mensagem. Abre, essa imagem, porque diz de uma comunhão que vai para além da ausência e da morte e inclui o ambiente.

No meu exame da obra de Rubem Alves, daquilo que deixou impresso em mim, farei uso de algumas categorias desenvolvidas por teólogas e teóricas feministas, seja quando Alves tenha se aproximado desse pensamento, seja quando tenha estado longe dele. Constatamos que Alves não enfrenta nunca o tema da justiça de gênero ou das imagens femininas de Deus, mas a sua urgência de falar sobre os corpos e a matéria do mundo cria uma ponte em direção a uma teologia das mulheres que quer enraizar a espiritualidade na vida.

Uma das metáforas mais importantes usada por Alves é o confronto com algo de muito concreto e vivo: o jardim.

Sonhava em poder plantar o meu jardim, porque não podia. O terreno sobre o qual estava construída a minha casa era pequeno demais. Mas um dia consegui comprar um terreno disponível ao lado da minha casa e o meu sonho se realizou. Para aqueles aos quais não contei meus sonhos, as minhas plantas são só plantas: entidades vegetais que oferecem um pouco de refrigério ao corpo. Para mim, por outro lado, são mágicas: possuem a faculdade de evocar o passado. O lilás é uma dádiva do meu pai. Toda vez que sinto o seu perfume, vejo o semblante do meu pai e ouço a sua voz... Caminho entre as minhas plantas. Sinto presenças invisíveis. O passado se faz presente. O meu jardim é um texto. (ALVES, 1998, p. 68)<sup>3</sup>.

Escolhendo a poesia, Alves decide abandonar a linguagem da teologia política. Nos anos setenta ele havia apresentado sua “teologia da esperança humana”, com algumas críticas importantes ao gigante da teologia da esperança, J. Moltmann (2003). Ele havia voltado seu olhar crítico para a sociedade capitalista que aprisiona a esperança nas gaiolas douradas do consumismo e esconde a vergonha da exploração por trás dos painéis publicitários: um mundo dourado e fechado, asfixiado, que Alves tenta desafiar antes de tido com sua teologia que denuncia e reconstrói, que a imagina como nova humanidade, “o filho do amanhã”. Mas em seguida muda a linguagem e se torna pedagogo e poeta quando compreende que até a teologia é uma gaiola, fechada nos muros acadêmicos. Ainda que seus textos se espalhem pelo mundo e sejam traduzidos, só quem já está interessado na fé e no divino os lerá<sup>4</sup>. A poesia, por outro lado, os pequenos contos, a narrativa própria de um contador de histórias e professor, alcançam

<sup>3</sup> Veja também: ALVES, Rubem, **I Believe in the Resurrection of the Body**. Wipf and Stock, 2003.

<sup>4</sup> Eu me refiro a dois livros traduzidos também para o italiano: ALVES, Rubem. **Teologia della speranza umana**. Brescia: Queriniana, 1971; ALVES, Rubem. **Il figlio del domani**. Brescia: Queriniana, 1974.

as pessoas com pequenas pérolas, a plateia se alarga e não é formada somente pelos crentes. A esperança alcança seu valor político e também mágico. O desejo de sermos humanos e de vivermos a alegria do presente vibra até dar lugar a uma nova realidade.

Em 2010 ele escreve:

A minha formação foi acadêmica. Porém, chegou um momento em que parei de me divertir ao escrever para os meus colegas. Comecei a escrever para as crianças e para a gente comum, brincando com o humor e com a poesia. Eis de onde nasceu meu novo estilo: faíscas, mais do que raciocínio (ALVES, 2010, p. 9).

Se antes queria apelar à consciência dos seus leitores, convencê-los a se unirem à luta ideológica, agora seu escopo era bem diferente:

Não quero demonstrar nada. Quero apenas representar. Há um fio que os une como as pérolas de um colar. Todo texto é uma unidade completa. Através deles procuro dizer aquilo que cheguei a sentir sobre o sagrado. Não espero que os leitores concordem comigo. Gostaria apenas que pudessem caminhar em meio a florestas desconhecidas. [...] O que conta de verdade não é aquilo que escrevi, mas o que pensarão quando forem provocados por aquilo que escrevo (ALVES, 2010, p. 9).

“Um poema deveria ser palpável e mudo como um fruto redondo; não deveria ter palavras como o voo dos pássaros, não deveria significar nada além de... ser” (ALVES, 2010, p. 9).

Trabalhar para... ser, não querer significar nada, não ter um fim, não querer convencer, mas apenas testemunhar. É quase um caminho místico, certamente poético, longe da ideia finalista de uma religião que quer comunicar, controlar ou transformar o mundo. É, porém, um programa político, como o “partir de si” das mulheres, como toda a reflexão sobre as identidades que percorre o nosso tempo. Estando plenamente em contato consigo, como pode sê-lo um poeta ou um exilado ou uma mulher afastada para o fundo e ignorada, comunica a si mesmo aquilo que é e não mais aquilo que pensa que deve ser para responder às expectativas sociais.

Por isso, as narrativas e textos de Alves têm um valor na contemporaneidade quase pós-pandêmica em que estamos vivendo. Eles nos oferecem faíscas de outros mundos, de outras possibilidades. Na verdade, conhecemos o que eles descrevem, os mundos que propõem são justamente os nossos, não tão distantes da racionalidade ocidental: os romances de Gabriel Garcia Marquez, os centros comerciais sem janelas contrapostos à natureza aberta de bosques e oceanos, a razão que contrasta com o realismo mágico, a produtividade que procura instrumentalizar até mesmo a *saudade* para vender outros objetos inúteis que preenchem os buracos existenciais. Alves procura manter abertos os espaços sem enchê-los de objetos ou de sentido, procura manter pluralidades de caminhos sem dar respostas diretas, tal como diferentemente a teologia e a pregação cristã amam fazer.

Conta, creio eu, sua experiência de exilado. Retorno aqui às palavras de Ada-Maria Isasi Diaz (2004). Trabalhando entre as mulheres *latinas* em New York, ela deu forma a uma teologia mestiça, a teologia *mujerista*, que mistura conceitos, práticas e palavras, e línguas: o espanhol das imigrantes, o americano das brancas. “*Iesucristo*” e “*la practica do cotidiano*”, e ainda os ritos da “*Posada*” pelas ruas das cidades americanas hispânicas: Maria e José exilados que em um tipo de representação sacra a céu aberto encontram todas as portas fechadas “porque não havia lugar para eles na cidade” (Lc 2,7). Uma atualização bem concreta da situação cruel em que vivem refugiados e pobres nas nossas cidades, batendo às portas que permanecem constantemente fechadas, ocupando as frestas e as dobras da sociedade. E depois a religião, que significa abrir as portas, compartilhar a festa, acolher e fazer-se acolher. Isasi Diaz escreve sobre a “*lucha*” que empreendem para se sentir em casa em uma nação na qual chegaram como exiladas. Mas quando ela mesma, depois de décadas, pode voltar a Cuba, o país sonhado e suspirado não é mais o mesmo. Ela se descobre presa entre duas pertencas, dois vínculos, estranha e envolvida ao mesmo tempo em todas as duas. É a condição de quem é expulso com violência do próprio lugar.

A pandemia causou enormes problemas de desigualdades também na Europa e na Itália, alargando a fenda que torna os pobres invisíveis; a dinâmica violenta da expulsão também funcionou desta vez. Somente alguns se ocuparam com uma ação de solidariedade na fronteira entre os dois mundos, o mundo protegido de quem tinha uma casa na qual se isolar contra o contágio do vírus, e o mundo de quem não podia mais sobreviver de esmolas e pequenos serviços, vivendo em refúgios superlotados e pouco seguros, ou até mesmo nas ruas. Nesse tempo, a vida dos pobres se aprofundou ainda mais na invisibilidade, até as igrejas ficaram fechadas, até os refeitórios da Caritas tiveram dificuldade para encontrar novos voluntários menos vulneráveis do que aqueles geralmente empenhados no trabalho, e novos modos de atuação.

A justiça é só um dos muitos temas que Alves aborda em sua teologia da libertação, intitulada “da esperança humana” na Itália, por dar ênfase à realidade material. Mas para Alves a justiça brota da beleza. Será a beleza que salvará o mundo, aquela beleza que os pobres também encontram através de um olhar que pode transformar e fazer maravilhas (cf. HOOKS, 1998, p. 47)<sup>5</sup>. A beleza e a alegria restituem a humanidade e antecipam a plenitude e o gozo das relações que passa pelos corpos.

Na sua teologia, Alves quer abrir a imaginação para o futuro, porque o presente fechado e violento não pode ser a verdadeira realidade, aquela imaginada por Deus para as suas criaturas.

## 1. Contar

No entanto, sua escrita nunca se torna uma escrita de urgência ou uma denúncia cheia de rancor pelas perdas e separações, pelas feridas e pelos golpes recebidos. Ao

<sup>5</sup> Quando bell hooks fala da mulher que fazia passar a luz do sol entre as coroas de pimenta penduradas na janela.

contrário, Alves usa um estilo sapiencial (de *sabedoria*, de sapiência, que tem uma tradição própria na Bíblia).

A narrativa então confronta a invisibilidade da injustiça e a indiferença diante da dor do outro. E seus contos são cheios de alegria e de comida, da saudade de alguém ausente, que está em outro lugar, ou que não existe mais. Justamente a consciência de que alguém não está presente, de que não foi convidado nem previsto, é o sinal de uma teologia do acolhimento e da comunhão de diversidades para Letty Russell (2009). O lugar vazio, que para Alves cria uma fenda no real e pode até mesmo ser um sacramento que faz retornar à presença do outro, à presença do divino, para Russell carrega também o sinal do pecado de quem, embora o havendo criado, não o vê.

Também o desejo se baseia sobre uma ausência. “A água é ensinada pela sede” escreve Emily Dickinson. A morte do pai faz sim com que o lilás se torne sinal e sacramento da sua presença/ausente. O desaparecimento de Jesus em Emaús faz sim com que o gesto de partir o pão se torne sinal de uma presença que aquece o coração (Lucas 24). Segundo a fórmula clássica o sacramento é o visível sinal de uma invisível graça. Mas em Alves aquela graça se faz sentir na alegria que faz vibrar nos seus contos.

Em um texto memorável de 1981, Alves se lamentou amargamente que não houvesse nenhuma presença protestante na literatura do seu país, coisa inexplicável dada a antiguidade das igrejas históricas e o nível cultural razoável que as havia caracterizado. Suas palavras eram obstinadas e duras:

Eu esperaria, por outro lado, que o protestantismo tivesse feito alguma contribuição à literatura brasileira. Procuramos um grande romance, uma grande novela... em vão. [...] acontece que a literatura não pode sobreviver em meio a essa obsessão didática, porque a sua vocação é estética, contemplativa, e o seu valor é tanto maior quanto maior for a sua capacidade para produzir estruturas paradigmáticas por meio das quais as fraturas e ligações ocultas do cotidiano são radiografadas. Os literatos protestantes não podem fugir ao feitiço dos seus hábitos de pensamento. Suas novelas são sermões travestidos e lições de escola dominical mascaradas. No fim, a graça de Deus triunfa sempre, os crentes são recompensados e a impiedade é castigada. O último capítulo não precisa ser lido. (ALVES, 2004, p. 155-156).

Amarga reflexão sobre um protestantismo, uma religião, que não sabe voar e fazer vibrar os corpos. Previsível, ordenada, sem visão, sem uma esperança guardada para as gentes, sem um doce imprevisto para fazer uma surpresa às crianças e transformar a jornada delas.

O caldeirão da bruxa, a preparação e o compartilhamento dos alimentos, são, por outro lado, centrais na escrita poética de Alves porque falam de transformação de um jeito que envolve os corpos, o gosto, a festa que se faz com os outros e com as outras.

Não são só os alimentos que assumem para Alves um caráter importante, com os quais inventa parábolas e histórias<sup>6</sup>, mas também os corpos vêm em primeiro plano. A beleza, o jogo, o erotismo, o gozo entram todos na dimensão de uma ressurreição do corpo negada por aquela teologia tão ordenada e racional. A ressurreição é antecipada como um antepasto do banquete que virá, é um recorte de um panorama futuro, confronta a cultura de morte que define todas as visões do capitalismo no qual estamos imersos<sup>7</sup>.

E, contudo, Alves não se insere na reflexão da “teologia indecente” que restitui um corpo e uma sexualidade aos pobres, como fará a grande teóloga queer argentina Marcela Althaus-Reid (2014). Alves não fala de sexualidade e gozo dos corpos; o eros que ele põe em campo passa através das palavras que desenham mundos, a fantasia das crianças, a música e a arte que preenchem a vida (Cf. CIGARI, 1995; ZAMBONI, 2019).

E há então o desejo: desejo de festa e de brincar, de justiça e de palavras bem ditas que se dirigem a transformar o mundo. As teóricas feministas desenvolveram muitos trabalhos na Itália sobre as políticas do desejo. Uma grande urgência as incentivou a se confrontarem com o desejo feminino que excede, que vai além das formas heteronormativas da moral patriarcal. Então, excesso significa tanto sair de si quanto refugiar-se em si e, acima de tudo, radicar-se fortemente em relações femininas que fazem crescer. O excesso feminino, afirma Alessandra Bocchetti, é o que mostra a forma autêntica de si. Em seguida, foi explorado o conceito de limite nos papéis e na condição feminina, no negativo do controle patriarcal sobre o desejo feminino, no positivo da consciência feminina do seu estar radicada em um lugar. A partir dessas análises surge uma visão da identidade na diferença de gênero, o sujeito feminino inaudito, que desequilibra o estado das coisas na diferença sexual e imagina e cria novos sujeitos e novos cenários<sup>8</sup>.

O desejo cria sobre a base de uma ausência, mas também de uma presença que não pode ser contida: o corpo e a sua força política. No feminismo, são as relações entre mulheres que sustentam o desejo como florescimento de si. Em Alves, as relações, e frequentemente as relações com outros machos de gerações diferentes – o pai, os meninos, mas também a filha Rachele menina –, se nutrem do jogo e da sua capacidade transformativa. Para ele, que pratica também a música como fonte de vínculo e de encontro vivo e alegre, o desejo é *saudade*, ausência que abre uma possibilidade de presença. Assim, pelo que me parece, para Alves é justamente a experiência do exílio e

<sup>6</sup> Por exemplo, a história dos grãos de milho que não se deixam transformar em pipoca pelo fogo e ficam duros como pedra, como os corações de quem não se deixa transformar pela paixão do amor e da compaixão. <https://gianzinho-culturabrasil.blogspot.com/2013/07/mais-che-non-passa-sul-fuoco-resta-mais.html>

<sup>7</sup> Este pensamento é desenvolvido especialmente em ALVES Rubem. *Il figlio del domani*. Brescia: Queriniana, 1974. E em seguida em alguns dos textos poéticos.

<sup>8</sup> CARVALHAES, Cláudio. *The Poor Don't Have Sex — Liberation Theologies and Sexualities*. In.: MIGUEZ, Nestor; PANOTTO, Nicolas (Ed.). *Pressing On: Next Generation of Indecent Theologians*. New York: Palgrave Macmillan, 2016. Em português, veja: Carvalhaes, Cláudio. *O Pobre Não Tem Sexo: A Ausência do Corpo e da Sexualidade na Construção da Subjetividade na Teologia da Libertação na América Latina*. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). *Sexualidade—Abordagem Bíblica, Teológica e Pastoral*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

do ácido confronto com a sua igreja de origem – que o excluiu e o expôs à perseguição por parte do regime ditatorial brasileiro – a base amarga, mas importante, para a reflexão sobre a libertação, a esperança, o futuro.

## 2. Plantar árvores

A ausência de um enraizamento, a vida no exílio, o leva a plantar um jardim que é um texto - diz Alves -, ou textos que exalam cheiros como jardins, levando de volta a outros lugares e outros momentos da vida. A poesia se torna o modo de se exprimir de Alves, que busca espaço e fôlego fora do mundo acadêmico, fora de uma teologia estéril, incapaz de comunicar ou de se entrelaçar com a literatura. O Alves narrador segue, sim, sua natureza que o leva a brincar e a encontrar as palavras justas para os meninos e as meninas, mas a poesia se torna ato político e crítico dirigido a uma academia fechada em si mesma, incapaz até mesmo de influenciar a igreja, as comunidades dos crentes, porque incapaz de escutá-los.

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. [...] O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem. (ALVES, 1999, p. 24-25).

Hoje somos continuamente convidados a plantar árvores, jardins. Como sinal de esperança e de paz, plantamos árvores da paz nos contextos inter-religiosos, colocando ao lado das plantas as plaquinhas das nossas dedicatórias. Plantamos a árvore de Lutero, plantamos a oliveira da paz, o bosque da memória dos justos entre as nações. Plantamos para que o presente floresça e dê frutos. Às vezes esses jardins são devastados por aqueles que querem afrontar a paz ou o diálogo<sup>9</sup>. É preciso, então, pacientemente replantar, reparar, cuidar do jardim como se cuida da sociedade ferida pelos golpes racistas e sexistas.

Convidam-nos a plantar árvores os cientistas ambientais que denunciam a desertificação do mundo e a destruição das florestas primordiais. Plantar árvores se torna uma forma de resistência ao sistema necrófilo em que vivemos, que leva em consideração cada elemento natural somente em função do seu valor econômico (cf. MANCUSO, 2019). A bióloga e ativista indiana Vandana Shiva conecta a ação política contra a fome e pela democracia dos bens comuns a uma espiritualidade capaz de cuidar das plantas (cf. SHIVA, 2012). As mulheres indianas que cuidam do manjerição sagrado fazem gestos de cuidado que se dirigem simbolicamente ao planeta na sua

<sup>9</sup> Por exemplo, em La Spezia, em 2003, o grupo inter-religioso plantou uma dezena de árvores em um parque municipal perto de uma escola, cada árvore acompanhada de um texto da tradição religiosa – hebraica, cristã, islâmica, budista, bahai -, mas depois de alguns anos vim a saber que o pequeno parque foi devastado, as plaquinhas foram arrancadas, algumas árvores foram arruinadas. Construir o diálogo implica a constância de remendar, reconstruir e curar as feridas, continuamente, uma constância que não se deixa interromper. A esperança não é o gesto de um evento isolado, mas o trabalho de toda a vida.

complexidade. A plantinha que precisa de água para viver representa o planeta que precisa de cuidado e de empatia humana para permanecer habitável. Mas mostra acima de tudo que o cuidado com as coisas pequenas e com a cotidianidade tem a ver com o cuidado do mundo. A planta *tulsi*, o manjeriço sagrado, representa uma presença divina no hinduísmo. Cuidar dela significa cuidar do mundo (cf. SHIVA, 1990). Nós cuidamos do mundo andando a pé ou de bicicleta em vez de consumir energias fósseis, diminuindo o aquecimento em casa, cozinhando alimentos da estação de modo a não desperdiçar nem comida nem recursos da terra. Gestos que podem e devem ser repetidos dia após dia dão frutos e têm a ver com Deus (cf. GAINO, 2004).

## Conclusão

Rubem Alves é um poeta do jogo e do exílio, que tem a intenção de fugir da academia teológica. Contudo, as suas bases sólidas na teologia clássica às vezes o aprisionam naquelas categorias que gostaria de superar; são assim pesos que negam aos corpos a espiritualidade em um dualismo mortífero. Ainda que saído do ambiente teológico para poder se comunicar de modo mais amplo com as pessoas sobre o fundamento da esperança, Alves continua a refletir e a escrever sobre Deus, sobre transformação da vida. A dinâmica da conversão que surge no encontro com uma palavra diferente de si mesma pertence profundamente ao protestantismo, e Alves a traduz em histórias, contos, ensinamentos. Até mesmo a espera de um “homem novo”, palavra cara a um certo cristianismo socialista dos anos setenta, entra de novo na dinâmica clássica da escatologia cristã. Enfim, Alves concentra a espera sobre os corpos: epicentro de uma transformação e via de saída da violência brutal da doutrina cristã (cf. CARVALHAES, 2017).

O caldeirão da bruxa ou a cozinha onde os elementos são transformados é uma das imagens centrais das suas histórias, e o comer é declinado como antropofagia: o leitor que se apropria da poesia e da música, e do que está escrito, come e é transformado por esta comida. Aqui são recordadas algumas experiências dos profetas do Primeiro Testamento, como Ezequiel 3,1-3 “Ezequiel, come este rolo. Depois vai e fala ao povo... Eu o comi, era doce como o mel”.

Alves recebeu críticas de alguns teólogos da libertação como Hugo Assmann, por ter posto no centro de sua obra a beleza a alegria antes da libertação, a estética antes da ética. Eu creio que esta seja, ao contrário, sua riqueza e a herança da qual gozamos.

A sua teologia da alegria e do jogo encontram ainda alguns percursos das mulheres e das teólogas, enriquecendo a paisagem com identidades inéditas que florescem e anunciam um mundo diferente, no qual beleza e justiça são intimamente entrelaçadas.



## Referências

- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. **Parole da mangiare**. Magnano: Qiqajon, 1998.
- ALVES, Rubem. **I Believe in the Resurrection of the Body**. Eugene: Wipf and Stock, 2003.
- ALVES, Rubem. **Il figlio del domani**. Brescia: Queriniana, 1974.
- ALVES, Rubem. **Teologia della speranza umana**. Brescia: Queriniana, 1971.
- ALVES, Rubem. **Transparencies of eternity**. Miami: Convivium Press, 2010.
- ALTHAUS-REID, Marcela. **Il Dio queer**. Torino: Claudiana, 2014.
- CARVALHAES, Cláudio. About an A-Mazing Rubem Alves. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, vol. 31, n. 2, 2017, p.305-316.
- Carvalhaes, Cláudio. O Pobre Não Tem Sexo: A Ausência do Corpo e da Sexualidade na Construção da Subjetividade na Teologia da Libertação na America Latina. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.). **Sexualidade—Abordagem Bíblica, Teológica e Pastoral**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- CARVALHAES, Cláudio. The Poor Don't Have Sex —Liberation Theologies and Sexualities. In.: MIGUEZ, Nestor; PANOTTO, Nicolas (Ed.). **Pressing On: Next Generation of Indecent Theologians**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- CIGARINI, Lia. **La politica del desiderio**. Parma: Pratiche, 1995.
- DIAZ, Ada-Maria Isasi. **In the Struggle: elaborating a Mujerista theology**. Minneapolis: Fortress Press, 2004.
- GAINO, Andrea; DE GUIDI, Serio (org.), **Prendersi cura di sé, degli altri, di Dio**. San Pietro in Cariano: Il Segno dei Gabrielli, 2004.
- HOOKS, bell. **Elogio del margine**. Milano: Feltrinelli, 1998.
- MANCUSO, Stefano. **La nazione delle piante**. Bari: Laterza, 2019.
- MOLTMANN, Jürgen. **Teologia della speranza**. Ricerche sui fondamenti e sulle implicazioni di una escatologia cristiana. Brescia: Queriniana, 1970.

Uma obstinada esperança. Os corpos, o desejo, a política. Instrumentos poéticos vistos a partir da velha Europa

RUSSEL, Letty. **Just Hospitality**. God's Welcome in a World of Difference. Louisville – Kentucky: Westminster John Knox Press, 2009.

SHIVA, Vandana. **Fare pace con la terra**. Milano: Feltrinelli, 2012.

SHIVA, Vandana. **Sopravvivere allo sviluppo**. Torino: Petrini, 1990.

*Submetido em: 24/01/2022*

*Aceito em: 28/02/2022*